

"BRIGA DE GALO"

Um roteiro

de

Victor Michels

"BRIGA DE GALO"

FADE IN:

CENA 1 - INT. ESCRITÓRIO DE ARTHUR CONNOR - NOITE

Arthur Connor (42) está em pé ao lado da janela de seu escritório. O ambiente é escuro e empoeirado, a única luz que adentra o local provém de frestas nas persianas, pelas quais o homem algo observa. Na mão esquerda, um cigarro aceso. Barulho de passos. Alexia (35), sua secretária, abre a porta e entra na sala. A mulher derruba uma caneta e prontamente abaixa-se para juntá-la. Connor permanece imóvel.

ALEXIA

Er... Senhor... tem um homem lá fora procurando por você.

CONNOR

(de costas)

Pois mande-o entrar! Oras, Alexia! Você sabe que não posso... quer dizer... não sou homem de recusar serviço.

Connor sequer vira-se para encarar a secretária, ele mantém as expressões vazias, não demonstra qualquer emoção. Alexia sai da sala e retorna, poucos minutos depois, acompanhada de um senhor de idade, Ronald Bailey (70). Connor permanece imóvel, ainda observando algo pelas persianas.

ALEXIA

Com licença... esse é o senhor Bailey...

Bailey, com ar de superioridade, rapidamente a interrompe, não permitindo com que ela sequer chegasse ao final da frase.

SR. BAILEY

Pode deixar que eu mesmo me apresento. Ronald Bailey, da Bailey CORP, maior empresa de agronegócio da região. Muito prazer... você deve ser o senhor Arthur Connor... ouvi falar muito bem de você...

Connor solta as persianas e vira-se pela primeira vez, demonstrando certo interesse no olhar. Aponta para a secretária.

CONNOR
 (sorridente)
 Você ouviu o senhor Bailey,
 Alexia... Pode nos dar licença que
 eu prossigo daqui.

Alexia balança a cabeça positivamente e, sem tirar os olhos dos dois homens, vai andando de costas em direção à saída. Sai da sala e fecha a porta.

Connor caminha em direção à mesa que encontra-se no canto oposto do cômodo. Senta-se na cadeira principal e faz gestos para que o velho senhor o acompanhe. Bailey senta-se na outra cadeira, de frente para Connor.

Connor joga fora o cigarro que tem em mãos, retira um maço do bolso e prontamente acende outro.

CONNOR
 Aceita um cigarro?

SR. BAILEY
 Muito obrigado, mas... com setenta anos, é melhor eu evitar fumar pra poder continuar vivo... se é que você me entende.

Os dois riem.

SR. BAILEY
 Mas... vamos direto ao ponto. Eu preciso de um detetive e acho que você é o homem ideal para o caso.

CONNOR
 Prossiga... sou todo ouvidos.

Bailey ajeita-se na cadeira para chegar o mais perto possível de Connor. O homem o observa atentamente.

BAILEY
 (sussurrando)
 Como você pode perceber, Arthur, eu não sou mais nenhum menininho de 20 anos... e um homem com a minha idade e minha fortuna tem muitos inimigos e muitas coisas com o que se preocupar...

Connor chacoalha as chaves penduradas em um dos passantes de sua calça, enquanto, imóvel, encara Bailey diretamente nos olhos.

SR. BAILEY

(sussurrando)

...meu filho, Raul, está desaparecido faz alguns dias e sei que há algo de errado por detrás disso... quer dizer... ele é o único herdeiro direto da minha herança e nunca foi de ficar tanto tempo fora de casa...

CONNOR

O senhor já procurou a polícia?

SR. BAILEY

(sussurrando)

Não... e nem posso! Não quero que abram nenhuma investigação em cima do meu patrimônio... quer dizer... cá entre nós, eu tenho medo de que procurem fundo demais e descubram algum escândalo de corrupção ou algo do tipo. Essa investigação tem de ser o mais sigilosa possível e é justamente por isso que resolvi contatá-lo.

CONNOR

(passando a mão nos cabelos)

Bom, saiba que você veio ao homem certo... mas... digamos que quanto mais sigiloso, menos barato sai o serviço... se é que você me entende.

Bailey começa a rir. Connor o acompanha.

SR. BAILEY

Não se preocupe com isso, Arthur. Dinheiro não é problema para mim. Ache meu filho... descubra quem está por detrás disso... e você terá todo o dinheiro que merece.

Connor apaga o cigarro em um cinzeiro em cima da mesa e levanta-se. Bailey repete a ação e os dois homens apertam a mão um do outro.

CONNOR

(sorridente)

Negócio fechado. Mantereí contato com o senhor.

Os dois se despedem e Connor acompanha Bailey até a porta da sala. Cumprimentam-se novamente e o velho senhor vai embora.

Connor fecha a porta da sala e, cantarolando o refrão de "*If I Were a Rich Man*", volta para a janela. Continua a observar por entre as persianas.

CORTA PARA

CENA 2 - EXT. CIDADE DE WASHINGTON - NOITE

Bailey desce as escadarias do escritório de Connor e caminha em direção ao seu carro pela K Street. As ruas estão escuras e apenas alguns postes com luzes incandescentes são responsáveis por não deixar com que a rua se torne uma completa escuridão. Bailey confere as horas no relógio de pulso e, então, atravessa a rua. Abre a porta do carro, pega o DynaTAC que estava em cima do banco de carona e, ainda do lado de fora do carro, faz um telefonema.

SR. BAILEY

(no telefone)

Alô, querida... alguma notícia do Raul?... não?... eu acabei de sair do escritório daquele detetive que te falei... sim, ele topou o caso... ora, claro que isso é uma boa ideia, Sarah... eu pre...

Um enorme vulto passa correndo atrás de Bailey. O homem corta sua fala pela metade, afasta o telefone do ouvido e olha de um lado para o outro.

SR. BAILEY

(no telefone)

Daqui a pouco eu chego em casa e a gente se fala melhor.

Bailey desliga o aparelho e o larga novamente no banco. Ao preparar-se para entrar no carro, outro vulto passa correndo atrás dele. Bailey vira-se rapidamente, mas a única coisa que consegue enxergar, por causa da má iluminação da cidade, é uma sombra correndo há alguns metros de distância. O homem, assustado, entra apressadamente no carro e tranca a porta.

Coloca a chave na ignição e tenta dar a partida, mas o carro não liga. Repete o processo diversas vezes, sem sucesso. Vira-se para trás, consegue observar, projetada na parede ao seu lado, uma sombra caminhando calmamente em sua direção. O suor escorre pela testa.

SR. BAILEY

(nervoso)

Liga, porcaria! Liga!

Bailey tira a chave da ignição e chuta a parte de dentro do carro. Olha para a rua e consegue observar que a sombra estava agora nitidamente projetada na parede ao seu lado.

Barulho de tiro. A bala atravessa o vidro do carro e atinge Bailey na cabeça, seu corpo sem vida cai sobre o volante do carro. O sangue escorre pela boca, enquanto a sombra começa a caminhar na direção oposta.

CORTA PARA

CENA 3 - INT. ESCRITÓRIO DE ARTHUR CONNOR - DIA

O relógio na parede marca 7 horas. Connor está sentado em sua cadeira. Os pés em cima da mesa e, na mão esquerda, como de costume, o cigarro aceso. O detetive tira o chapéu, coloca-o em cima da mesa e começa a coçar a cabeça. Os olhos fixos na janela do outro lado da sala.

Alexia chega correndo na sala. A cara assustada e os olhos arregalados, como se tivesse acabado de receber uma notícia ruim.

ALEXIA

Senhor... senhor... você preci...

Connor faz sinal para que Alexia pare de falar. Tira os pés de cima da mesa, coloca o chapéu na cabeça e começa a andar em direção à secretária.

CONNOR

Antes de qualquer coisa, eu preciso das informações desse tal Ronald Bailey... endereço... nome dos familiares...

ALEXIA

Sim, sim... eu já providenciei tudo isso, senhor! Mas é que...

CONNOR

Nada de "mas", Alexia! Eu preciso disso logo para começar o trabalho... vá, pegue para mim...

Alexia sai bufando da sala e volta, poucos segundos depois, com uma prancheta em mãos. Connor mantém-se imóvel.

ALEXIA

Aqui está. Peguei todas as informações pouco antes de ele ir embora ontem...

Alexia entrega uma prancheta para Connor e o detetive abre um breve sorriso.

CONNOR
(analisando a prancheta)
Muito bom! E, ah... mais uma coisa... onde está o...

Alexia, impaciente, interrompe Connor.

ALEXIA
(gritando)
O Sr. Bailey está morto!

Connor encara a secretária, sem reação.

CONNOR
Você quer dizer que...

ALEXIA
Isso mesmo que o senhor ouviu. Morto! Ele foi assassinado ontem a noite na K Street, poucos minutos depois de sair daqui. A notícia está em todos os jornais e a polícia já está envolvida... acho que podemos dar esse caso como encerrado.

Connor começa a andar de um lado para o outro enquanto coça o queixo.

CONNOR
Muito pelo contrário, minha querida Alexia. Esse caso acabou de começar.

CORTA PARA

CENA 5 - EXT. CIDADE DE WASHINGTON - DIA

Enquanto veste seu casaco, Connor desce as escadarias do escritório que levam para a rua. Coloca uma lupa no bolso da frente e ajeita o chapéu na cabeça. O dia está nublado e o trânsito encontra-se completamente engarrafado.

Vários repórteres se amontoam ao redor da cena do crime. Connor se aproxima pela calçada e, com certa dificuldade por conta do amontoado de pessoas, procura chegar o mais próximo possível do carro. A área ao redor do veículo onde Bailey foi assassinado está isolada, só policiais estão autorizados a entrar. Sem que ninguém perceba, Connor ultrapassa as

faixas e, com a lupa em mãos, começa a procurar por alguma pista ao redor do carro. Abaixa-se para vasculhar o chão. Depois de poucos segundos, encontra uma presilha prateada de cabelo, pega o objeto em mãos e o coloca num dos bolsos do seu casaco. Um policial se aproxima.

POLICIAL

Com licença, senhor. Essa área é restrita. Você poderia fazer o favor de se retirar daqui?

CONNOR

(abaixado)

Claro... err... eu só estava procurando meus óculos... deixei cair aqui e não consigo encontrar...

POLICIAL

Se encontrarmos alguma coisa, eu mando avisar o senhor.

Connor fica em pé e se dirige para fora da área restrita. Pega a presilha nas mãos e a observa mais de perto. Uma mulher de cabelos louros se aproxima do detetive e, sem que ele perceba sua presença, ela cutuca suas costas. Connor vira-se rapidamente, o punho cerra-se ao redor da presilha.

SARAH

Oi... você é Arthur Connor, certo?

CONNOR

Sim... e você é...?

SARAH

Não chegamos a nos conhecer, mas eu sou Sarah, Sarah Bailey. Ronald me telefonou pouco antes de... bem... disso... acontecer e me falou que tinha vindo atrás de você. Fui ao seu escritório ainda a pouco, mas você não estava lá. Fico feliz em ver que não desistiu do caso.

Sarah (40) e o detetive se cumprimentam. Connor observa atentamente a figura da mulher. Sua atenção se volta para as presilhas que usava no cabelo, exatamente iguais àquela em sua mão.

CONNOR

Bem, eu prometi para Ronald que resolveria esse mistério... e sabe como é... eu sou um homem de palavras.

SARAH

Sim, sim. Fico feliz em saber disso... cá entre nós, Ronald não confiava muito na polícia... e eu também não.

Sarah começa a rir. Connor finge que acha graça e abre um sorriso amarelo.

CORTA PARA

CENA 6 - INT. RECEPÇÃO DO ESCRITÓRIO DE ARTHUR CONNOR - DIA

Arthur abre a porta e dá de cara com a secretária adormecida em sua mesa.

CONNOR

(gritando)

Alexia! Trago notícias!

Alexia se assusta com os gritos de Connor e rapidamente acorda do seu cochilo.

ALEXIA

(sonolenta)

Ah... oi... o que você dizia?

Connor tira o chapéu e coloca em cima da mesa. Faz o mesmo com a presilha que trazia no bolso. Aproxima-se da secretária.

CONNOR

(sussurrando)

Crime resolvido. Foi a esposa. Típica historinha que a gente vê em filme... a esposa querendo dar o golpe do baú no marido rico...

ALEXIA

Ah... er... você tem certeza disso? Ela teve aqui mais cedo procurando por você e parecia bem preocupada com toda essa situação... ela praticamente implorou para que você não desistisse das investigações.

CONNOR

(andando de um lado para o outro)

Hum... de fato... se ela fosse a culpada, iria querer colocar um fim nas investigações... nesse ponto

CONNOR
 você tem razão... mas então, como
 você explica essa presilha que
 encontrei ao lado do carro de
 Ronald? É exatamente igual às que
 ela tinha no cabelo.

Alexia pega a presilha nas mãos.

ALEXIA
 Isso não quer dizer nada, Arthur...
 deixa de ser bobo... pode muito bem
 ter caído quando ela foi chamada
 para fazer o reconhecimento do
 corpo.

Depois de alguns minutos andando de um lado para o outro,
 Connor para e olha fixamente para a secretária.

CONNOR
 Você tem razão. Preciso procurar
 mais pistas.

Connor coloca o chapéu na cabeça e sai correndo pela porta
 do escritório. Alexia pega a presilha de cima da mesa e a
 joga no lixeiro ao seu lado.

CORTA PARA

CENA 7 - EXT. QUINTAL DA MANSÃO BAILEY - NOITE

Está anoitecendo. Connor chega ao portão principal da mansão
 Bailey e percebe uma estranha movimentação. O portão está
 aberto e diversas pessoas encontram-se paradas na escadaria
 principal. Três carros de polícia estão estacionados no
 quintal da casa.

Connor aproxima-se da movimentação. Entre as pessoas estão
 Sarah, sete policiais, duas velhas senhoras de uniforme e um
 homem de terno. O homem estava algemado e ajoelhado na
 frente dos policiais.

SARAH
 (chorando desesperadamente)
 A-a-arthur! Que bo-o-om vê-lo!

As duas senhoras, assim como Sarah, também estão chorando.
 Uma delas olha para o mordomo e faz o sinal da cruz.

SENHORA 1
 Esse tempo todo, o mal estava
 dentro do nosso lar!

POLICIAL 1

Conseguimos encontrar o bandido.
Depois de muito investigar, achamos
o corpo de Raul em uma mala dentro
do quarto do mordomo... com
certeza, ele também tem ligação com
a morte do Sr. Bailey.

Os outros policiais balançam a cabeça positivamente. O
mordomo não se move, continua encarando o chão.

MORDOMO

(olhando para baixo)

Eu não tenho nada a ver com isso!
Eu juro!

Connor abaixa-se e analisa a figura do mordomo por alguns
segundos. Levanta-se e encara Sarah nos olhos. Não há mais
presilhas em seus cabelos. A maquiagem borrada por causa das
lágrimas.

CONNOR

Fico feliz em saber que o crime foi
resolvido! Espero que tudo fique
bem daqui para frente. Meus pêsames
pelas suas perdas, Sarah.

O detetive aperta as mãos de Sarah, que continua a chorar.
Os policiais levam o mordomo para dentro de uma das viaturas
e vão embora. Connor se despede das mulheres e começa a
andar em direção ao portão de saída. Sem que ninguém
perceba, ele se esconde atrás de uma árvore do quintal e
fica de olho nas três mulheres.

As duas senhoras abraçam Sarah, que abre um breve sorriso.
Seca as lágrimas do rosto e ajeita os cabelos. As três
entram para dentro de casa e fecham a porta. Connor sai
correndo para fora do quintal.

CORTA PARA

CENA 8 - INT. ESCRITÓRIO DE ARTHUR CONNOR - NOITE

Connor está em sua sala, os pés em cima da mesa e um cigarro
aceso na mão esquerda. A sala está escura e, como de
costume, só as luzes da persiana iluminam o local. O
detetive está sério e não emite nenhum barulho. Pega um
jornal que estava em cima da mesa e começa a folheá-lo.

CONNOR

Não... não... isso não está certo.

Levanta-se da cadeira e começa a andar de um lado para o outro. A porta está aberta e, aos poucos, uma outra sombra começa a se projetar na parede da sala. Alexia entra no cômodo e coloca uma mão no ombro de Connor

ALEXIA
Senhor, está tudo bem?

CONNOR
(de costas)
Não, Alexia... não está nada bem... não está nada certo... quer dizer... o mordomo? Só pode ser brincadeira.

ALEXIA
Mas... mas... senhor... a polícia não encontrou as provas suficientes? Quer dizer... pelo o que eu li no jornal, o corpo do menino estava dentro do quarto do mordomo.

Connor vira-se para encarar Alexia.

CONNOR
Sim... e é isso que não faz sentido. O mordomo não é o culpado... não pode ser... já foi divulgado o que vai acontecer com a herança?

ALEXIA
Ao que tudo indica, vai ficar com a esposa.

CONNOR
Ah, mas é claro... já era de se esperar.

ALEXIA
Senhor, sei que não devo me meter nisso... mas, se eu fosse você, eu daria esse caso como encerrado... quer dizer, a polícia já deu um veredicto... não é como se você fosse conseguir alterar as coisas agora.

CONNOR
Você tem razão, Alexia... você não deve mesmo se meter nisso. Assim que amanhecer, vou atrás de Sarah.

Alexia olha fixamente para Connor, sem soltar nenhuma palavra. O homem faz sinal para que ela saia da sala, o que a secretária prontamente obedece. Connor volta para a sua cadeira, coloca os pés em cima da mesa e acende um novo cigarro.

CORTA PARA

CENA 9 - EXT. QUINTAL DA MANSÃO BAILEY - DIA

Connor está de pé na frente da porta da Mansão Bailey. Toca a campainha repetidas vezes, até que uma das senhoras abre a porta.

SENHORA 1

Olá... posso ajudá-lo?

CONNOR

Sim... eu tive aqui ontem. Sou o detetive contratado por Ronald e Sarah.

SENHORA 1

Ah... sim... mas eu achei que o caso já tivesse sido resolvido?

CONNOR

(sorrindo)

Sim... sim... eu só preciso de algumas informações sobre o mordomo para entregarmos ao juiz.

SENHORA 1

(sorrindo)

Ah... é claro! Gostaria de entrar?

CONNOR

Não acho que seja necessário, não quero me prolongar. Mas... me responda... você se lembra da última vez que viu Raul?

SENHORA 1

Sim... claro... foi no dia da final do Super Bowl... todo ano nos reuníamos na sala para assistir ao jogo... depois disso, eu lembro de ele ter ido para o quarto dormir... e... o resto você já sabe.

CONNOR

O mordomo estava com vocês assistindo ao jogo?

SENHORA 1

Sim... sim, estava... aquele vagabundo. Como poderíamos imaginar?

CONNOR

Ronald e Sarah também?

Uma lágrima escorre pelo rosto dela. A mulher rapidamente a seca com a manga do uniforme.

SENHORA 1

Ronald, é claro... ele era muito fã de futebol... mas Sarah não... ela detesta esse tipo de coisa... lembro que ela saiu com uma amiga nessa noite.

CONNOR

Amiga? Você sabe me dizer como era essa amiga?

SENHORA 1

Não cheguei a vê-la, mas deduzo que seja a senhora...

Sarah aparece na porta. A mulher rapidamente para de falar.

SARAH

Ah... Arthur... que prazer em vê-lo. Mas... achei que o caso tivesse sido dado como encerrado?

CONNOR

Oi, Sarah... sim, sim... está tudo certo. Só estava levantando uns últimos questionamentos sobre o tal... mordomo assassino... você sabe, o juiz precisa saber de todos os detalhes...

Connor abre um largo sorriso. Sarah faz o mesmo. Os dois se encaram nos olhos.

CONNOR

...mas era só isso mesmo... não quero me prolongar. Até mais!

SARAH

Até! Apareça quando quiser...

O detetive ajeita o chapéu na cabeça e vai embora.

CORTA PARA

CENA 10 - INT. RECEPÇÃO DO ESCRITÓRIO DE ARTHUR CONNOR - DIA

Connor abre a porta e entra no escritório. Alexia está sentada na sua mesa folheando um jornal. Ao ver que o chefe chegou, rapidamente fecha as folhas e joga o jornal em cima da mesa.

ALEXIA

Oi, Arthur... alguma pista?

CONNOR

Bom... talvez... mas deixa isso para lá... acho que o melhor que eu faço é desistir desse caso.

ALEXIA

Eu concordo... você já estava começando a enlouquecer com tudo isso.

Alexia abre um breve sorriso. Connor balança o chapéu para a secretária e se dirige para a sua sala. Antes de entrar, para na porta.

CONNOR

(de costas)

Vou tentar cochilar para colocar a cabeça no lugar... só me acorde se for extremamente importante.

Alexia alcança o jornal e volta a folheá-lo.

ALEXIA

Sim, senhor.

Connor entra na sala e fecha a porta.

CORTA PARA.

CENA 11 - INT. ESCRITÓRIO DE ARTHUR CONNOR - NOITE

Connor está adormecido com o chapéu cobrindo os olhos. O escritório está completamente escuro, a persiana está fechada. Sem que ele perceba, Alexia entra no local e abre a persiana. Alguns feixes de luz iluminam parte da sala. Alexia se aproxima de Connor e bate na mesa para que o homem acorde.

CONNOR
(sonolento)
Ah... oi... oi... tô acordado!

ALEXIA
Senhor, Sarah está aqui para vê-lo.

Connor se ajeita na cadeira e arruma o chapéu na cabeça.

CONNOR
(espreguiçando-se)
Pois mande-a entrar!

Alexia sai da sala e retorna, poucos segundos depois, acompanhada de Sarah. A mulher estava muito bem arrumada, com uma enorme bolsa em seu braço esquerdo. As presilhas prateadas brilhando no cabelo.

Connor levanta-se e cumprimenta a mulher. Faz sinal para que Alexia saia da sala. A secretária rapidamente obedece o pedido, deixando a porta entreaberta.

CONNOR
O que lhe traz aqui, Sarah?

SARAH
Por mais que não tenha sido você quem descobriu o assassino, eu vim lhe trazer um pagamento como forma de agradecimento pelo serviço prestado.

A mulher retira um pequeno saco da bolsa e coloca em cima da mesa de Connor. O detetive encara rapidamente o saco em sua frente e volta a fixar os olhares em Sarah.

CONNOR
Fico agradecido, Sarah... você é mesmo muito gentil.

SARAH
Agora, se me permite... eu preciso ir...

Sarah começa a virar-se para ir embora, quando Connor a interrompe.

CONNOR
Vai viajar?

O detetive sorri, a mulher o acompanha.

SARAH
Sim... quero esfriar um pouco a cabeça, se é que o senhor me entende...

CONNOR
Claro... sim... sim... esquecer um pouco das tragédias...

SARAH
Isso mesmo.

CONNOR
...que você mesma provocou.

SARAH
Desculpe?

Connor sai da sua mesa e caminha para o outro lado da sala.

CONNOR
Em momento algum eu acreditei na história do mordomo, Sarah. Quer dizer... você fingiu bem, se livrou de praticamente todas as pistas... fez com que os policiais acreditassem na sua história... mas um bandido sempre deixa rastros...

SARAH
O senhor está insinuando que eu...

CONNOR
Sim... que você matou Raul... seu marido... e só então colocou a culpa no mordomo para poder ficar com a herança... engenhoso, mas não me deixou nem um pouco surpreso.

Connor pega o maço de cigarros do bolso e acende um deles.

CONNOR
Aceita um?

Sarah ignora a pergunta do homem e começa a andar em sua direção.

SARAH
(sussurrando)
Você está se metendo onde não deve.

CONNOR
(sussurrando)
Fique tranquila, eu não vou te denunciar... mas... para isso, eu quero uma quantia maior do que aquela miséria que você jogou em cima da minha mesa... nós dois sabemos a bolada que você herdou do velho...

Sarah dá uma breve risada.

SARAH
Você não tem mesmo vergonha na cara, Arthur... eu deveria ter me livrado de você quando tive a oportunidade.

Sem que nenhum dos dois perceba, por entre a porta entreaberta, uma nova sombra começa a ser projetada na parede da sala. A sombra fica cada vez maior.

CONNOR
Eu sou muito mais esperto do que você imagina, Sarah... consigo enxergar qualquer coisa ao meu redor...

Barulho de tiro. Connor é baleado no peito esquerdo e cai no chão. O sangue escorre. Sarah começa a rir.

SARAH
(rindo)
Pelo visto, nem todas as coisas.

Alexia entra na sala com uma arma em mãos e caminha em direção aos dois. Para ao lado de Sarah e abraça a mulher pela cintura.

Alexia encara Connor e começa a rir. Engatilha a arma e atira novamente nele, dessa vez no rosto. Sarah caminha até a mesa de Connor, pega o saco de dinheiro e o coloca novamente na bolsa. Viram-se de costas para o corpo do detetive e caminham rumo à porta de saída.

CORTA PARA

CENA 12 - EXT. CIDADE DE WASHINGTON - NOITE

Sarah e Alexia descem os degraus do escritório que levam para a rua. Um carro conversível está estacionado logo em frente às escadarias.

ALEXIA

O dinheiro está todo no carro?

SARAH

Sim... venha, vamos dar o fora daqui logo.

Caminham até o porta-malas e Sarah o abre. Diversos sacos de dinheiro. Alexia abre um breve sorriso, Sarah a acompanha. Entram no veículo. Sarah no banco do motorista e Alexia no de carona. Elas trocam olhares e, logo em seguida, dão um longo e apertado abraço. Sarah coloca a chave na ignição, liga o carro e começa a dirigir. Aos poucos, o carro desaparece no horizonte.

FADE OUT.